

Journal do Domingo

DIRECTOR LITTERARIO—MANUEL PINHEIRO CHAGAS

ASSIGNATURA

PORTUGAL, ILHAS E ULTRAMAR

Anno ou 52 numeros.....	2,500 réis
Semestre ou 26 numeros.....	1,500 "
Trimestre ou 13 ".....	700 "
Avulso.....	60 "

— ANNOI—13 DE NOVEMBRO DE 1881—N.º 39 —

GERENTE-PROPRIETARIO—AUGUSTO DE SAMPAYO GARRIDO

Lisboa—Travessa do Monte do Carmo, 38, 2.º

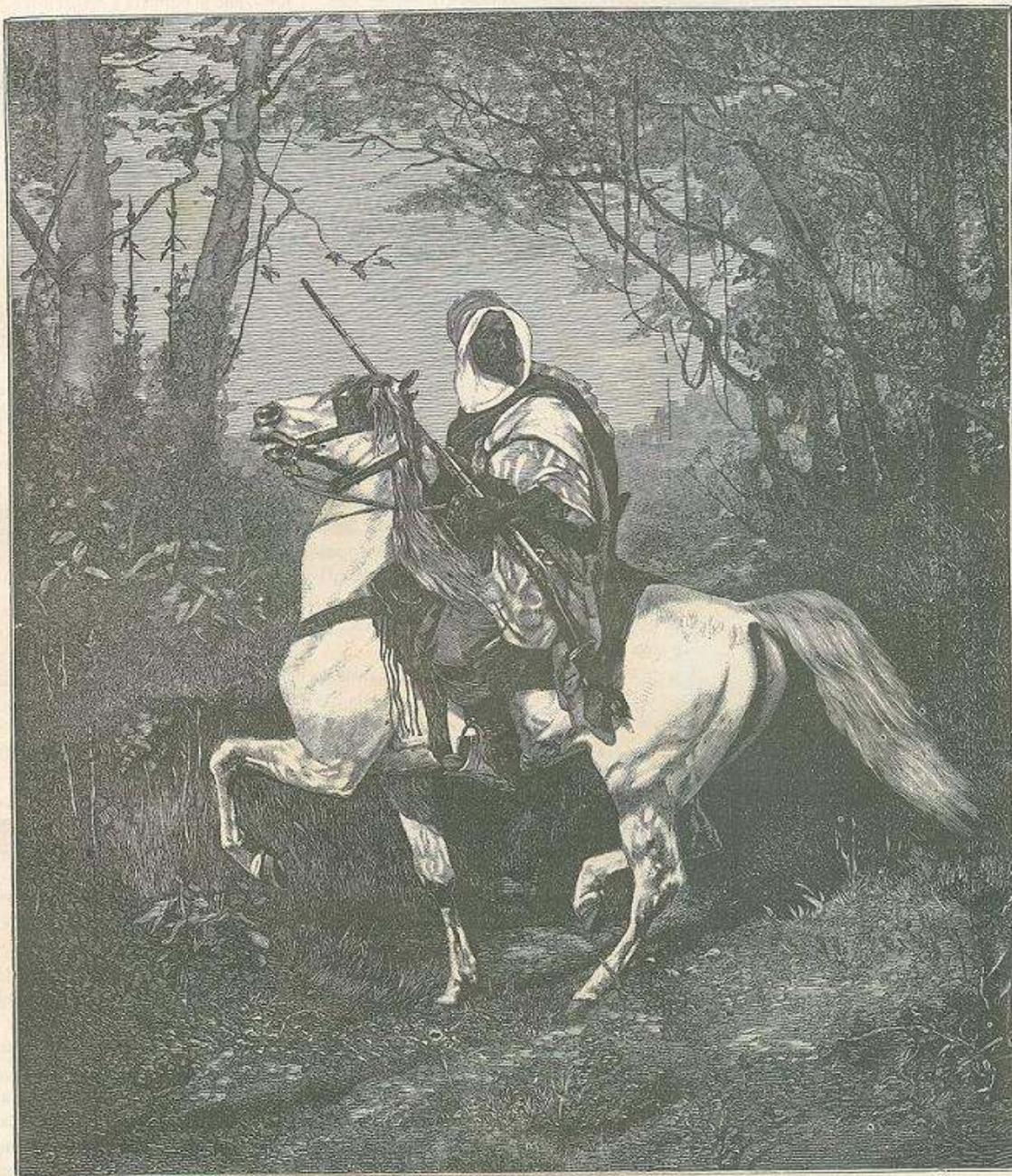
ASSIGNATURA

BRAZIL

Anno ou 52 numeros.....	7,500 réis
Semestre ou 26 numeros.....	4,500 "
Trimestre ou 13 ".....	2,500 "
Avulso.....	260 "

SUMMARIO

GRAVURAS:—Um caid mouro; Um arcabuzeiro; Ao piano; Vista da ponte dos buracos, em Tournay.
 TEXTO:—Actualidades, por Iriel; As nossas gravuras; Domingo historico, por A. O.; Rosicler, Christovam Ayres; Em plena phantasia, por Marianno Pina; Horas d'ocio; Atravez da Siberia, por Victor Tissot e Constant Améro.



UM CAID MOURO.

ACTUALIDADES

S. Carlos deu-nos successivamente um bailado, uma opera nova e o *redubte* da sr.^a Stella Bonheur.

O bailado é prodigioso. A scena passa-se na margem d'um rio. Ao fundo vêem-se montanhas. A' esquerda um grande *steamer* encalhado. Assim que o panno sobre começam a chegar barcos que trazem gente.

Então começa uma desfilada successiva dos mais extravagantes personagens d'este mundo, escocozes, odaliscas, *bersaglieri*, turcos, o diabo. Ao cabo de dez minutos d'uma farandola doida e desconnexa, apparece em scena, rodeada de bailarinas, uma figura inesperada. Se não sabes já quem é, dou-te cem, dou-te mil para advinhares...

Essa figura é a Carta Constitucional! É uma alentada mulher vestida de azul e branco e brandindo a bandeira bicolor, que atravessa a scena processionalmente, enquanto a orchestra executa o hymno respectivo.

Este facto só por si é representativo d'um phenomeno da mais elevada importancia. Nunca, por meios mais indirectos, se apressou a ruina d'uma instituição! Enquanto um paiz se limita a sublevar-se contra as suas leis pela colera, nas revoltas e nas barricadas, pelo raciocinio e pela discussão, no jornal e no livro, pelo riso e pela troça, na *charge* e na caricatura, as leis, tendo por si a rotina, a preguiça, o desleixo, a tendencia á immobilitade que caracterisam os grupos officiaes, pôdem talvez resistir por algum tempo. Mas quando um povo, indignado contra o systema que o rege, se dispõe resolutamente a dançar-o, esse systema dentro em breve começa a sentir-se vagamente estonteado, tem vertigens, encosta-se a um bastidor, pede agua com voz fraca e finalmente expira.

Já uma vez escrevi, a respeito dos bailes infantis de Justino Soares: «Se este bailarino notavel se resolver um dia a dançar em torno das instituições uma verdadeira polka de Jerichó uma semana a fio, ao setimo dia as instituições desabam.»

Eu era então um propheta, sem o saber. Eu tinha dentro de mim um occulto e ignorado Ezechiel que nunca se me tinha revelado nem por perda de appetite nem mesmo por comichão no nariz. Só agora é que o descobri. O trabalho de demolição esse começou já e é em torno da Carta Constitucional que uma dança sinistra, executada por quatro bailarinas ossudas, se perpetra todas as noites em S. Carlos. Mais alguns dias e a Carta e seu acto adicional, representado por um garoto pequeno disfarçado em *bersagliere*, subverter-se-hão em ruínas, junto das quaes, eu, como propheta consciencioso, irei tomar a conhecida attitude biblica e fumar o meu charuto. E o mocho piará lugubrememente na morna serenidade do luar.

Ora a Carta em Portugal tem sido escarneada por todas as formas, em satyras, em chalaças, em caricaturas, em obscenidades mesmo. Nunca ninguem ousara porem recorrer aos meios de que lançou mão o empregario da scena lyrica. Nunca ninguem a atacara com a pirueta. Nunca nenhum dos mais radicacs membros da camara ousara em discussão sobre esse assumpto, cair nos braços do seu collega da esquerda, erguendo o pé á altura do nariz do seu adversario conservador. Mas se este systema de aggressão começa a ser adoptado, decerto em breve o parlamento ver-se-ha obrigado a mandar encerrar o seu sobrado, a estabelecer uma phylharmonica sub-

vessiva na galeria da imprensa e a substituir a conhecida formula presidencial pela variante: — *Está aberto o bailado. Teem o passo a dois os srs. Marianno de Carvalho e Burros e Sá.*

E ss. ex.^{as} egualmente munidos da cambráia necessaria de talento, no cerebro e na barriga da perna e do indispensavel giz nos argumentos executariam uma agil accusação e uma vertiginosa defeza ás instituições que se dançassem n'esse dia.

Mas não foi curioso o bailado apenas. A primeira recita da *Dinorah* foi tambem um espectáculo digno de menção.

Sabes já que a *prima-donna* gorgoeu como uma cotovia a sua encantadora e deliciosa walsa ao luar de Drummond, que lhe é enviado intermitentemente da esquerda do theatre. Tudo quanto podesse dizer da agilidade da sua voz ficaria a perder de vista em relação á realidade e já agora é melhor esperar pela solução dos problemas de electricidade, que se debatem no mundo scientifico, para achar então definitivamente o tropo que lhe convem.

A sua sombra, apezar da sua dona lhe chamar amavelmente *ombra leggiera*, é que não é tão ligeira como isso. E quando escrevi aqui a palavra *sombra*, confesso que desejei referir-me, talvez por uma figura de rhetorica um tanto confusa e não incluída talvez nas interessantes metonymias e synecoches de que rezam os compendios, ao corpo aliás gentilissimo que a produz.

Este inconveniente foi mesmo causa de que a pobre Dinorah, tendo dado o formidavel trambulhão d'uma ponte abaixo e tendo sido salva por um barytono de pequena estatura, fosse obrigada depois a vir pelo seu pé, apezar do desmaio. Verdade é que para a indemnizar sem duvida, o barytono tratou de abreviar o mais possivel o seu deliquio, cortando uma romanza muito comprida que tinha de lhe impingir, e que elle julgou decerto que era uma grande estopada para a pobre creatura. Esta intenção compensadora e amavel do illustre barytono foi muito apreciada pelo publico, que deixou de ouvir o mais bello trecho da opera, mas que se poupou por essa forma o desgosto de se ver obrigado talvez a encher o palco com a hortaliça geralmente empregada pelas plateas impressionaveis e nervosas, para castigar certos *fiascos* exceptionaes.

Em seguida veiu a *Aida*.

A sr.^a Stella Bonheur fizera, como te recordas de certo, um fiasco monumental n'esta opera. Isto não impediu o publico de lhe fazer hontem uma ovação delirante.

Este facto collocou a nossa plateia entre os dois chavelhos por igual ponteagudos d'este dilemma.

Ou a sr.^a Stella Bonheur cantou bem no principio da epocha a sua parte de *Ammeris* e a pateada que lhe deram foi o acto imprudente, brutal e indesculpavel d'um publico ignorante.

Ou a sr.^a Stella Bonheur canta mal a sua parte de *Ammeris* e a ovação feita hontem, foi o acto inepto e comico d'um publico ignorante.

Tem pois de optar o publico graças á situação em que se collocou, entre ser — ignorante, e ser, o que não é talvez melhor — ignorante.

Eis uma posição a que se não pode precisamente dar o epitheto de invejavel.

LUZL.

AS NOSSAS GRAVURAS

UM CAID Mouro — Os caids ou cadis mouros são os juizes, os tabelliães, os commissarios de policia, os recebedores de contribuições da Barbaria. A justiça que elles administram é excessivamente summa-

ria, mas nem por isso é peor, devemos dizel-o, nem por isso é peor do que a nossa. De um caid arabe, de Argel, contam-se as seguintes anedoctas, que provam que o espirito de Salomão passou para os arabes muito mais ainda do que para os judeus.

Tinha grande fama de sabedoria e de prudencia esse caid, e Bu-Akas bey de Constantina, quiz verificar pelos seus olhos se a fama era verdadeira. Disfarçou-se e dirigiu-se para a terra onde o celebre caid exercia as suas funções. Na estrada encontrou um coxo que lhe pediu humildemente se o deixava montar um bocadinho no seu cavallo, porque mal se podia arrastar. Bu-Akas apeiou-se caritativamente, e o coxo com mil protestos de agradecimento, içou-se para o cavallo, e assim foi até á cidade. Mas, apenas lá chegou, quando Bu-Akas lhe disse que se apeiasse, o manhoso do coxo declarou que o cavallo era seu, e que portanto não se apejava. Travou-se discussão accessa, até que Bu-Akas exclamou:

—Vamos ao tribunal do caid, é um homem sabio e justo, elle te obrigará a restituir-me o cavallo.

—Por isso mesmo que elle é sabio e justo é que me ha-de dar o cavallo a mim e não a ti. Elle bem vê que um coxo precisa mais de um cavallo que um homem com boas pernas.

—Pois vamos a ver isso.

Dirigiram-se ao tribunal. Antes da sua causa havia outras duas que se estavam julgando. Um azeiteiro sustentava que dera um certo dinheiro a um carnicheiro, e o carnicheiro sustentava que o dinheiro era seu.

—Deixem-me o dinheiro e voltem amanhã, decido simplesmente o juiz.

A segunda causa era mais complicada. Um lavrador affirmava que um sabio lhe roubara a mulher, o sabio sustentava que a mulher era sua. A mulher chorava, e nada dizia: mas, ainda que dissesse, a sua declaração não teria o minimo peso n'um tribunal musulmano.

—Deixem a mulher, e venham amanhã, declarou o juiz.

Afinal Bu-Akas e o coxo expozeram a sua causa. O juiz ouviu-os com toda a paciencia, e no fim:

—Deixem-me o cavallo, disse elle, e amanhã compareçam.

No dia seguinte, estavam todos no tribunal, apinhado de gente. O caid sentou-se, e, olhando os dois primeiros demandistas, disse para os seus beaguins:

—Entreguem o dinheiro ao carnicheiro, e ao azeiteiro dêem-lhe tambem... cincoenta bastonadas na sola dos pés.

Depois, mandando approximar o sabio e o lavrador, disse para o sabio:

—Ahi tens tua mulher.

E voltando-se para o lavrador, acrescentou:

—E tu, vae receber cem bastonadas na sola dos pés.

Finalmente, chamando o coxo, levantou-se e saiu com elle. D'ahi a instantes voltou, e o coxo vinha radiante. Chamando então Bu-Akas o caid levou-o a uma cavallariça, e, mostrando-lhe dez cavallos exactamente semelhantes, perguntou-lhe:

—Qual é o teu?

Bu-Akas reconheceu-o sem hesitar, e bey e caid voltaram para o tribunal.

—Recebe o teu cavallo, disse o caid a Bu-Akas, e tu, malandrino, acrescentou voltando-se para o coxo, vae apanhar cincoenta bastonadas nas costas, já que a tua enfermidade nos prohibe que te toquemos nos pés.

O coxo, que ficara perfeitamente estupefacto, foi arrastado para longe, apezar dos seus gritos e dos seus protestos.

Bu-Akas então revelou quem era, e depois do caído se ter prostrado, disse-lhe:

— És um magistrado sabio e justo; bem o vejo, mas has de explicar-me agora o motivo que te dictou as duas primeiras sentenças. Como soubeste que o dinheiro era do carniceiro?

— Tive-o em minha casa uma noite, metti-o dentro de agua, no dia seguinte nem um pingo de azeite sobrenadou, logo não podia pertencer ao azeiteiro.

— E a mulher?

— Levantei-me de noite, e mandei-a chamar. «Quero escrever, disse-lhe eu, arranja tudo o que me é necessario.» E ella, sem hesitar, foi buscar-me o tinteiro e as pennas e o papel, e dispoz tudo com tanto arranjo, que eu disse logo comigo: Se fosses mulher do lavrador, não saberias de certo executar tão bem as minhas ordens.

— Admiravelmente raciocinado, tornou Bu-Akas, o meu caso esse é que era de todos o mais facil.

— O mais difficil, perdão.

— Como o mais difficil! Se eu conheci logo o cavallo!

— E o coxo tambem.

— Tambem?!

— Já o suspeitava, que eu logo vi que era manhoso. Por isso, se os levei à cavallariça, não foi para ver qual dos dois conhecia o cavallo, foi para ver a qual dos dois o cavallo conhecia. Quando o coxo entrou, o animal nem fez caso d'elle, quando tu entraste, o corcel relinchou alegremente. Foi isso o que me decidiu.

Bu Akas inclinou-se com respeito.

— Allah, disse elle, poz na tua frente o sello da sabedoria. Eras tu e não eu quem devia reinar em Constantina.

Ora ahí tem o leitor que sentenças de Salomão podem ás vezes recheiar essas cabeças tostadas, que se escondem nas dobras do *burnous* barbaresco.

UM ARCABUZEIRO — Representa a nossa gravura um quadro de um pintor belga contemporaneo, o sr. Madou, que, nas obras numerosas devidas ao seu pincel delicado, revela uma finura de espirito, um talento de observação e uma riqueza de côres verdadeiramente notaveis.

Tem todas as qualidades que distinguem os mestres das velhas escolas flamengas e hollandezas, e essas qualidades revelam-se sobretudo n'este seu *Arcauzeiro*, que nos transporta para o tempo em que os Téniers, e os Rembrandt nos apresentavam tambem nas suas telas essas figuras soldadescas. É verdadeiramente admiravel não só a attitudé bellicosa do arcabuzeiro, mas tambem o modo habil como está disposto na tela; não escapa á vista nem a minima parte sequer do seu equipamento e das suas armas.

A obra de Madou, além do seu grande valor artistico, tem tambem um character historico de rara exactidão, porque nos dá uma imagem fiel do que eram esses soldados, de que tantas vezes se falla nas guerras dos ultimos seculos.

AO PIANO — Quadro de familia, auctor inglez. A scena é deliciosa. Uma joven mãe toca piano, tendo por unica ouvinte a sua pequena filha, que, de cabellos soltos, contempla com um vago respeito o papel coberto de hieroglyphos mysteriosos, e escuta enlevada as melodias que os dedos ageis da mamã fazem brotar das teclas de marfim.

Como o piano pôde ser a um tempo encantador e horroroso! Que abysmo entre o piano de Listz e o piano dos lanceiros, entre o piano confidente dos so-

nhos harmoniosos de uma alma de menina ou da mulher e o piano confidente dos vates que recitam, ao som das walsas languidas, umas lamurias sentimentaes! Este que nos mostra Kilburne é um dos pianos bons, dos que só nos trazem á memoria scenas de familia, de intimidade, serenatas de Schubert, *réceries* de Chopin, sonatas de Beethoven, a *Makenelheir* de Gottschalk, tocadas na meia luz do crepusculo, quando se entrevê apenas junto do piano um vulto indeciso de mulher, enquanto as crianças brincam sem fazer muito barulho, e o marido escuta aneliando os cabellos loiros do pequenito que está quasi a dormir, no seu collo, o somno da digestão tranquilla!

VISTA DA PONTE DOS BURACOS EM TOURNAY — As pontes construidas junto do recinto ou dentro do recinto das cidades tinham, na idade media, um character particular; pelo seu duplo destino serviam tambem effectivamente de meio de defeza e apresentavam trabalhos de fortificação mais ou menos formidaveis.

A ponte da cidade de Tournay na Belgica é uma das mais notaveis d'esse genero. É do seculo XIII. Tem, como se vê, tres arcos, por cima uma galeria de defeza, que se vae ligar com as duas torres das extremidades.

A ponte dos Buracos é a unica de estylo ogival, que existe na Belgica.

O DOMINGO HISTORICO

13 de novembro de 1460 — Morte do infante D. Henrique

Entre os filhos de D. João I, os quaes todos mais ou menos illustraram a sua patria, sobresae o infante D. Henrique, que nasceu a 4 de março de 1394, tendo por berço a cidade do Porto, que parece fadada pela Providencia para ter o seu nome ligado a tudo quanto de grande se realizou n'esta terra de Portugal.

Educado, como todos os irmãos, com grande esmero pela virtuosa rainha D. Filippa, manifestou, desde muito novo, grande propensão para a mathematica e, pelo ardor com que se dedicou ao estudo, chegou a ter d'essa sciencia os mais vastos conhecimentos que se podiam adquirir no seu tempo.

Alliando o amor do estudo com a bravura de cavalleiro, praticou actos de grande valor na tomada de Ceuta, cuja realisação a elle principalmente se deve, e depois do regresso á patria, movido do desejo de levar a fé christã a paizes ignotos, do enthusiasmo que lhe causavam a leitura dos livros antigos e as noticias que seu irmão D. Pedro lhe communicára, ao cabo das suas longas viagens, resolveu buscar as terras que tinha grandes probabilidades de encontrar ao sul da Africa.

Indo viver para o promontorio de Sagres, e estabelecendo ahí uma escola de cosmographia e de navegação, foi preparando os elementos de que necessitava para levar a effeito a sua empreza, e em 1418 dois fidalgos de sua casa iniciavam os nossos descobrimentos, encontrando as ilhas de Porto Santo e da Madeira. Em 1432, Gonçalo Velho Cabral deu noticia dos Açores, e no anno seguinte Gil Eanes dobrou o cabo Bojador, diante do qual até essa epocha os nautas recuavam com temor supersticioso. D'ahi por diante o seu pensamento quasi constante foi ampliar os descobrimentos para o lado do Meio-Idia, e,

se exceptuarmos a expedição de Tanager, de que elle foi o principal promotor, e cujo infeliz successo lhe causou profunda impressão, pôde afoitamente dizer-se que o seu unico cuidado foi alongar o dominio portuguez pela costa africana, até então desconhecida ou julgada inhabitavel, pelas ilhas, que em grande numero apparecem no meio das aguas do Atlantico.

Quando morreu, em 1460, a sua fama chegára já aos paizes estrangeiros, e muitos homens de fora de Portugal vinham pedir-lhe empregos nas suas caravellas, mas depois o descobrimento da America assombrou todas as nações da Europa e o nome de Christovão Colombo passou a occupar o primeiro logar na vasta epopéa dos descobrimentos do seculo XV, sem se attender a que o filho do mestre d'Aviz fôra quem iniciára e criára gosto por essas arrojadas expedições, que abriram novos e dilatados campos á vida e actividade dos povos do Velho Mundo.

Um tumulo na Batalha e uma lapide partida em Sagres é tudo quanto podemos mostrar aos visitantes de Portugal, para attestar que foi esta a terra em que nasceu o homem a quem a civilisação deve os mais eminentes serviços, e que em toda a sua vida seguiu á risca a nobre divisa que adoptára: «*Talent de bien faire.*»

A. O.

ROSICLER

SURSUM CORDA

Que inundação de sol! que esplendida manhã!

Eccôa a gargalhada estridula de Pan no murmuro riacho, e nos myrthas floridos; embebem-se de luz os ávidos sentidos; aspiram os pulmões um oxigenio puro; as aves vão poisar sobre o fronteiro muro, soltando alegremente uns lymphidos gorgeios! as collinas d'além, como enfartados seios, riem ao sól que as beija, impudico sultão; na lezíria do lado as ovelhitas vão pastar morosamente, e ouve-se o chocalhar da alegre guizalheira; estremeceem no ar os sylphos de prazer, e por entre os silvados alastra a madre-silva os cachos perfumados. Agitam-se do moinho as velas silenciosas, e no caliz do lyrio, e nas taças das rosas correm a embriagar-se as lueidas abelhas; as glicemias azues, e as papoulas vermelhas lembram uns botequins, vendas d'aureos licores, onde se vão saciar insectos multicores, desde o bezouro escuro até á borboleta. Esplendido festim! embriaguez completa! Todo o meu ser se expande, e vibra, e freme, e exulta, como se ouvisse os sons d'alguma orchestra occulta. Escuto extasiado a grande symphonia! mas subito, lá dentro, á esplendida harmonia responde outra mais bella, em canticos e danças:

Vinham-se aproximando alegres as crianças.

CHRISTOVAM AYRES.

EM PLENA PHANTASIA

Por causa d'um sapato. . .

Representava-se pela segunda ou terceira vez a *Voz do sangue*, no Gymnasio, uma comédia esplendidamente arranjada do hespanhol pelo meu querido amigo Gervasio Lobato.

Estava eu na plateia nas melhores disposições de ver a peça, por que isto de fazer critica e de se analysar uma obra friamente, a melhor occasião é certamente aquella em que se não pense no tenebroso

enredo d'uma letra protestada ou n'um callo que ás vezes doe com a mudança do tempo, para podermos ser sinceros e justos... Começava já a rir abertamente aos primeiros dialogos, ás primeiras phrases do Taborda; começava a dispôr-me para uma noite alegremente passada sem ter que pensar na prohibição das pateadas pelo conselheiro-governador e soba d'esta tribu lisbonense o muito adiposo sr. Arrobas... quando sinto um sapato apertando-me dolorosamente o pé esquerdo...

setincas, batendo sonorosamente a frescura da atmosphera! Nunca mais vos verei, oh doces pombas brancas da minh'alma!...

Quando um sapato está apertado, ha em todo o nosso corpo uma vibração de desespero, um mal-estar interior que nos excita, que nos perturba, que nos enraivece, que nos deixa furiosos... quando temos um sapato apertado!

e o nosso espirito cae nos abysmos negros do aborrecimento... quando temos um sapato apertado!

A comedia pareceu-me então detestavel, d'uma semsaboria até ali desconhecida e imprevisita, como não ha igual em certos discursos da camara. Achei bestial todo este publico rindo abertamente a uns ditos descorados, pallidos, lórpas; e os actores



UM ARCABUZEIRO.

Ah! como se é infeliz quando se cae sob o jugo tyrannico d'um sapato apertado! Que horror! Adeus, boas illusões chimericas! adeus, beijos perfumados do amor! adeus, recordações opalinas e castas da nossa infancia apaixonada e hilariante! Adeus!... Vejo-vos partir, oh doces pombas brancas da minha alma! E este pombal fica deserto por causa d'um sapato que aperta o meu pé esquerdo! Adeus!... Nunca mais vos tornarei a ver! nunca mais vireis junto de mim cantar o côro mysterioso das vossas azas

Tudo quanto ha pouco nos foi agradável, tudo quanto achavamos feito de ouro e azul, tudo quanto nadou em nós como uns brancos nenuphars de alegria no lago crystallino da nossa alma sem macula, tudo quanto nos sorriu ao espirito como um bello sol de abril entornando a sua luz doce e acariciadora nos seios tumidos da Natureza radiante, tudo mudou, tudo se transformou, e começamos a ver o esplendor das cousas que sorriem... atravez um largo vidro enfumacado, luctuoso... O azul tolda-se de repente

em scena davam-me a imagem nitida dos bonecos de papelão, boçaes, insupportaveis, fazendo, com articulações authomaticas, esgares saloios a uma plateia estourando em roucos borbotões de gargalhadas tôlas...

Atraz de mim, um bom e religioso espectador exclamou: «É muito engraçada, esta peça!» e eu atirei-lhe com o «Imbecil!» com que Lionette fecha o 1.º acto da *Princesa de Bagdad*.

Estava-se em meio do espectáculo. Já não era o

sapato que me incommodava, se nem já o sentia! Era simplesmente a comedia—a comedia que eu descompunha surdamente, atirando-lhe com os mais feroces epithetos, escommungando o traductor, insultando os actores, sentindo que por mais meia hora

acerca da peça. Um artigo terrivel... Nunca em criticas theatraes se foi tão desapiedado, tão crú, como eu o havia sido n'aquelle trecho de prosa. Todos os velhos anathemas da *Biblia* desciam em turbilhões, bandos de morecos doidos, para virem

apparecido ali, eu ter-lhe-ia cravado no buxo a lamina fina e recurva d'uma polida sevilhana, que tem escripto na folha — *viva mi dueño!* Se me fosse possível encontrar o Gervasio, ah! que se eu o encontrasse, como eu o teria estrangulado, com que pra-



AO PIANO.

eu começaria n'uma doida pateada! Quando o meu visinho do lado sorriu a uma phrase do Taborda, levantava-me eu desvairado, amaldiçoando este publico ignorante, applaudindo em arte um crime mais negro do que o crime de Caim!

Uma hora depois começava a escrever o artigo

pousar nos meus periodos indignados. E as cousas dantescas pairavam, como abutres esfoimados, na negra abobada da minha vingança revolta!...

Se a comedia, se aquelles tres actos se podessem n'aquelle momento transformar n'um ser vivente, paçudo, proudhonianamente paçudo como o meigo e inoffensivo sr Arrobas, e se me tivesse

ser feroz, selvatico, eu o teria feito estrebuchar nas minhas mãos nervosas, vingadoras! Se a companhia do theatro, se todo o publico tambem ali me tivesse apparecido, no meu quarto estreito e branco como um tumulo, a luz do meu tristonho candieiro de petroleo, ah! como eu os teria esfaqueado, como eu os mataria, saciando depois toda a minha sê-le de vin-

gança no sangue morao que inundasse o meu sobrado...

Cheguei em frente do meu espelho e recuei d'espanto. A minha physionomia era inteiramente outra. Os cabellos desmanchados vinham amassar-se na testa que um suor frio humedecia. Na minha pelle lá estava a pallidez, aquella pallidez marmorea, fatal, que acompanha os allucinados. Os meus olhos injectados de sangue, saídos fóra das orbitas, parecia que iam rebentar, que iam partir impellidos como balas por uma força estranha, desconhecida, immensa! As narinas dilatadas respiravam sequiosas o ar pesado do meu quarto. Os labios róxos tremiam-me febrilmente, e ao canto da bôcca caia em silencio um fio de sangue manchando a brancura da minha camiza. Recuei com um grito d'espanto, despedaçador, unico em toda a gamma dos gritos do sr. Theodorico, cahi de bruços sobre a cama, enterrando a cabeça na roupa, cohrindo-me todo, e agarrava-me aos varões de ferro do meu leito, como se o Diabo me fascinasse, muito contra minha vontade, para ir commetter um tenebroso assassinato — matar o papa, o bispo de Vizeu, o prior da Lapa, talvez!

Assim estive por muito tempo, enterrado nos cobertores, agarrado aos varões de ferro, o corpo sacudido violentamente por uma tremura geral...

A principio era tudo escuridão profunda, como nunca houve outra igual no mundo. O meu coração, porém, batia agora com mais regularidade; as pulsações das fontes eram mais e mais cadenciadas; o meu espirito começava a funcionar regularmente. Neste momento senti no meu pé esquerdo uma dôr aguda, de quem me apertava o sapato para me despertar, e na escuridão intensa brilhavam os olhos de fogo do Diabo, encarando-me com sarcasmo. Fechei ainda mais as palpebras. Lá estava sempre o seu olhar feroz! Pouco depois vi claramente o Anjo mau, com a sua odienta pelle de lobo, os chavelhos brancos retorcidos, os pés de cabra, a longa cauda espadanando como uma cobra. E no mundo todo feito de treva e de confusão perpassavam lentos e silenciosos os actores da *Voz do sangue*, vestidos de branco, as tunicas brancas manchadas de grande laivos de sangue. Era uma procissão de mortos, o cortejo sinistro das minhas victimas. Vi então as minhas mãos tambem ensanguentadas, as minhas roupas ensanguentadas; sangue! sangue! e sangue! por todos os lados! Que remorsos eu tive n'esse instante! Mas já não eram d'este mundo os infelizes; os desditosos, não eram d'este mundo! Nem o Taborda, nem a Maria das Dôres, nem o Polla, nem a Beatriz! Cada um que surgia vinha precedido d'um ecco sinistro como o da tampa d'um tumulo que se abriu e que se fechou — e subiam caminho do Ceu, um caminho tortuoso e difficil. S. Pedro esperava-os lá no alto, as chaves debaixo do braço:

— Então chega esse carrão ou não chega?!

Abriu as portas do ceu. Ai! como aquillo é bonito lá por dentro! E os actores entravam em silencio, segurando em palmas, as tunicas brancas ensanguentadas; e eu contorcia-me á voz da minha consciencia bradando-me: «Assassino! Uma alteração despertou-me. O phantasma do Polla assestava a luneta para S. Pedro, e o velho barqueiro da Biblia berrava-lhe:

— Mas que vem você fazer cá para dentro? Homem, não me sringue! Não pôde entrar! Mude-se lá para baixo, ande!

E o espectro do Polla pondo de novo a luneta desceu escarranchado no pescoço do Diabo, rabeando de contente.

Tudo se apagou e tudo caiu de novo no silencio!

Eram sete horas quando despertei aos trinados deliciosos d'um canario que n'uma janella fronteira complimentava o sol, de dentro do seu bebedouro de crystal. Um bello sol o d'esse dia; d'esses que nos sorriem, que nos dispõem bem para o trabalho, que nos tornam alegres, risonhos, contentes de nós mesmos, a que nós abrimos com prazer as janellas do quarto para que elle entre e venha illuminar o nosso conforto, o conforto do nosso ninho, com a sua luz tepida e dourada, como se fosse coada pelos cabellos mimosissimos de certa miss...

Em cima da minha meza de trabalho havia quartos de papel sulcados por uma letra irregular, nervosa, agilada, que uma penna traçara com violencia, rasgando em muitos pontos. No alto do primeiro quarto estava escripto:

THEATRO DO GYMNASIO

A voz do sangue

e mais abaixo começava um artigo por estas palavras:

«Nunca no theatro portuguez subiu á scena peça mais vergonhosa do que esta, e mais digna d'um publico que pensavamos illustrado, e que não passa d'um imbecil, applaudindo esta cousa soez e lôrpa...»

À noite voltei ao Gymnasio. A comedia pareceu-me inteiramente outra; tudo inteiramente mudado. Até eu tinha mudado tambem — de sapatos!

E fiquei pensando n'essa noite no quanto era necessario estudar o estado actual da Critica, para vêr se se'á em condições de poder resistir a pressões estranhas, a botas apertadas, a callos nal cortados, e a digestões difficis.

Se a medicina ainda vem a provar que os elogios á sr.^a Virginia são devidos a algumas canjas, e as tareias á sr.^a Stella Bonheur a uma unha encravada!

Ah! que descobertas importantes por fazer para a historia da Critica! Provar-se que o successo da sr.^a Emilia das Neves dependeu exclusivamente do muito pão de ló que se comia no seu tempo; e que a queda dos *Bombeiros* do sr. José Romano foi motivada por uma indigestão de pãosinho com chouriço que os seus inimigos, vestidos de mulheres, venderam á porta da rua dos Condes!

E vós, ó jovens auctores pateados, esperae a vossa reabilitação, a hora da vossa vingança, o instante em que se vos ha de fazer justiça, a vós todos, os opprimidos do tação. Esperae que a Critica vá tirar o dente que lhe criou carie. Feita a operação ponde em scena as vossas peças. A critica estará de bom humor. Sereis comprehendidos!

E enquanto o instante não chega, vinde vêr as dôces pombas brancas da minh'alma, que já voltaram de novo, as estouvadas, ao pombal...

MARIANO PINA.

HORAS DE OCIO

Logogripho

Pescando lá no alto mar,
junto á segunda e tereceira,
molestei-me na primeira
a ponto de não andar.
O todo dei á segunda,
que me disse um bello dia,
que, se a terceira eu tomasse,
sem prima e terciã andaria.

ZERO.

Pergunta indiscreta

Qual é a villa da Beira
(caso não é p'ra desmaios),
onde os homens e as mulheres
são da côr dos papagaios?

GANDAREZ.

Embruhada litterario-fluvial

Tirando uma letra a cada um dos seguintes rios portuguezes formar o nome de um grande escriptor portuguez do seculo XIX:

Tejo, Douro, Lima, Guadiana, Mondego, Sado, Minho, Ancora, Neiva, Liz.

ANTONIO P. NOBRE.

Quadro magico

27			

Collocar um algarismo em cada divisão desde 27 ao 42 de tal maneira que somados horizontal, vertical, ou diagonalmente, resultem 138.

MANOEL DE JESUS MORON.

Soluções dos problemas do n.º 37

Enigma-Logogripho. — Torre de Moncorvo.

Anagramma. — Ebro e Orbe.

Lexicologia. — B, C, G.

Charadas novissimas. — 1.^a Ratoeira, 2.^a Morcego, 3.^a Leopardo.

N. B. — Por não ter sido gravada a tempo, damos no nosso n.º 40, a solução do problema geometrico.

Soluções certas

Problema geometrico. — José A. Gomes Mendes (Gouveia), Vasco (Coimbra), Edipo, Tenier (Santarem) (Porto), Manoel Antonio Coelho Zilhão.

Enigma-Logogripho. — Zero, B. M. (Vianna do Castello), Carmelita, Carmo e Sousa.

Anagramma. — José A. Gomes Mendes (Gouveia), B. Lens (Porto), Ornato (Caminha), Nadege (Coimbra), Edipo.

Lexicologia. — Zero, José A. Gomes Mendes (Gouveia), B. Lessa, Antonio Guterres de Oliveira Santos, Vischnú, Feto y Macho, Carmelita, Nadege (Coimbra), Manoel Antonio Coelho Zilhão.

Charadas novissimas. — Joaquim Ricardo dos Reis Pereira (Cadaval), Zero, José A. Gomes Mendes (Gouveia), Miguel Marias das Infelidades (Café da Batalha, Porto), Vasco (Coimbra), Dois Estouvados, B. M. (Vianna do Castello), Manoel Antonio Coelho Zilhão, Pipelet.

ATRAVEZ DA SIBERIA

AVENTURAS EXTRAORDINARIAS DE TRES FUGITIVOS

POR

Victor Tissot e Constant Amérol

(Continuado de pag. 307)

XXIII

Os dois yakutes deviam partir dentro de quarenta e oito horas, e Yermac nutria pequenissima esperança de decidir Chort a fugir antes do momento, em que devia partir com o seu companheiro Tekel.

Na noite seguinte os cães principiaram a ladrar tão alto, que os yakutes persuadiram os fugitivos de que os tchuktchas estavam nas visinhanças. Yegor e o sr. Lafleur ficaram acordados, com as armas carregadas e promptas. Finalmente Yegor, impacientado, sahio fora.

Sentia-se ao longe um ruído estranho. O que seria?

De repente espalha-se no ceo um clarão vago, esbranquiçado, como uma via lactea, que se derramasse suavemente. Os objectos adquiriram forma, mostraram-se visíveis á vista dasarmada como illuminado por um esplendido luar. Os campos de gelo scintillavam ao longe semelhantes á prata em fusão.

Em breve illuminou-se no horizonte um foco, augmentando a olhos vistos, lançando feixes de chamas, foguetes, longas espadas de fogo, que pareciam trespassar o ceo e fazel-o verter sangue! Cahiam gotas de luz vermelha, que arremedavam gotas de sangue. E como nada é mais movel, mais mudavel do que o phenomeno d'uma aurora boreal, ás tintas encarnadas seguiram-se depressa tintas verdes. Dir-se-hia que o horizonte era illuminado por um immenso fogo de Bengala. Depois formou-se no meio da noite um como arco iris, que bem se poderia suppor constituido por um mosaico maravilhoso de pedrarias e de diamantes, rubis, amethystas, saphyras e granadas.

Por entre a claridade dos caprichosos effeitos da luz, que enchiam o firmamento, Yegor descobriu um trenó puxado por muitas parellhas de rennas, caminhando por cima do mar, muito solido n'aquelle ponto, em direcção á cabana, conservando-se a uma distancia de cem metros da costa, pouco mais ou menos. Cuidou logo que eram homens encarregados de os perseguir, e correu a chamar o sr. Lafleur e communicou-lhe os seus receios. Este depois de se ter embrulhado muito bem, depois de ter abafado com pelles a cabeça, o nariz e as orelhas, sahio da cabana.

Ao ver o ceo esbrazeado, cuidou que o seu amigo o fizera sahir para gosar d'aquelle espectáculo, ain da novo para elles, e deu um grito de admiração.

— Calle se! disse-lhe Yegor, e veja que gente é aquella, que se dirige em norte para cá!

O ladrar dos cães não permittiam que o sr. Lafleur ouvisse o ruído, que as patas das rennas faziam no mar gelado. Olhou um momento na direcção indicada por Yegor.

— Em todo o caso, disse elle, não são muitos... dois ou tres, o maximo. Se quizessem atacar-nos, achavam homens pela proa. Mas oiça...

A norte estava bastante próxima para que se podessem ouvir as palavras pronunciadas pelos que vinham n'ella. Nas superficies geladas os sons percebem-se distinctamente a grandes distancias.

— Eu conheço aquella voz de creança! exclamou o sr. Lafleur.

— E eu tambem! disse Yegor.

— Se não é a voz de Ladislau, não quero eu tornar a ver a praça da Bastilha.

— Tem razão, sr. Lafleur! olhe, a norte dirige-se pelo ladrar dos nossos cães.

Dois minutos depois o pequeno polaco estava nos braços de Yegor e do sr. Lafleur. Todos choraram d'alegria ao verem-se outra vez. A norte ficava com o seu guia sobre as aguas do mar.

— Com quem vieste, meu filho? perguntou Yegor.

— Com o filho do chefe de policia de Yakutsh, que me trouxe aqui.

— Do chefe de policia? exclamou o sr. Lafleur, a cujos ouvidos soara este nome desagradavelmente.

— Elle está muito doente... ferido. Graças ao di-nheiro, que possuia, decidiu um rico Tongusse, que tem optimas rennas, a conduzir-nos até cá.

— Yegor, vou ter com elle, e entretanto leve Ladislau á presença de Nadege. Mas cuidado!... Prepare-a para o choque.

O sr. Lafleur desceu cautelosamente para a norte. O ceo tinha empallidescido. Quando estava proximo dos viajantes:

— Approximem-se, exclamou somos amigos...

— E meu pae? perguntou Dimitri com voz fraca.

— Está na cabana...

— Então posso vel-o... antes de morrer, murmurou o ferido.

— De morrer? Sim, bem vejo, está doente; muito doente mesmo; porem nós o trataremos... venha depressa aquecer-se ao nosso fogo, e o seu guia tambem.

O Tongusse convidado por estas palavras, levantou Dimitri, e com auxilio do parisiense o filho de Yermac ponde vencer a distancia, que separava o trenó da cabana. O pae já vinha correndo.

— Pae, disse-lhe o rapaz ao vel-o, leve-me em conta uma boa acção. Trago-lhe esta creança...

Yermac apertou Dimitri contra o seu peito; mas não ponde acabar sem fazer-lhe a seguinte observação:

— Para ser a tua primeira acção boa, não foste lá muito feliz...

— Porque?

— Esta creança é filha de deportados... e anda em companhia de outros, que se evadiram.

— Não sabia, murmurou Dimitri.

— Deixa-o! Fica-te o merecimento da tua acção, disse Yermac. No momento, em que eu lhes restituir a creança, ficarei completamente quite com elles. E dever-te-hei essa grande satisfação.

Dimitri não podta' comprehender, e não comprehendeu.

O pae notou que elle estava muito enfraquecido, e perguntou-lhe a razão.

Dimitri respondeu:

— Foi quando eu quiz deixar os homens da minha quadrilha. Já estava longe d'elles com um dos meus companheiros — um antigo vor — trazendo o rapazito commosco, alta noute, e dispararam alguns tiros sobre nós. Perceberam que os iamso abandonar. O vor foi mortalmente ferido. Uma bala introduziu-se-me debaixo da espada esquerda. Não podia demorar-me para tratar de mim... E aqui estou... mal, muito mal.

— Desgraçado! expunhas-te a aggravar o teu estado! exclamou Yermac.

— Já me não queres ver morrer, pae! disse o rapaz com um triste sorriso. Emfim, sempre conseguí tornar a ver-te antes de exalar o ultimo suspiro, accrescentou elle, e talvez me perdoes o muito que te desgostei.

— Ah! Dimitri! exclamou Yermac, muito comovido, não falles rrimis. N'este momento está tudo

esquecido. Como podeste chegar até aqui? vir de tão longe em nossa procura?

— A coragem d'aquelle rapazito foi quem fez tudo. Eu, por mim, sentia-me morrer, não queria perder uma hora, para rehabilitar-me a teus olhos, affastar de mim a tua maldicção.

Era excessivamente commovedora aquella reconciliação de pae e filho, no vasto quadro illuminado pela ultima phase da aurora boreal, em que os clarões de um enorme incendio, se confundiam agora com os tons suaves e doces da aurora matinal!

Aquella noute passou-se na cabana por entre as conversações de Ladislau e da venturosa Nadege, e das confidencias de Dimitri e de seu pae. Dimitri contou-lhe que sem as fogueiras apagadas, que denunciavam a passagem dos fugitivos e os seus acampamentos, não lhe teria sido possivel chegar á margem do mar glacial. Os guias Yakutes festejavam o Tongusse.

Yermac concluiu dizendo a Yegor:

— Graças a meu filho, posso restituir-lhe hoje essa creança, que todos julgavamos perdida, e que de certo morreria de miseria se não fosse Dimitri. Não acha que é alguma cousa, sr. Semenoff?

— O sr. Yermac era nosso devedor; agora é credor. Mas todas estas circumstancias não o fazem reflectir? Pois não quer tirar-se d'essa posição cruel, que o faz nosso inimigo?

— Isso... é impossivel.

— Nós estimamo-nos... e odiamo-nos!

— Eu não tenho odio nenhum.

— Mas, exclamou Yegor, eu preferia o teu odio, instrumento cego de uma legislação barbara, a essa inflexibilidade de character, que nada pode mover, nem persuadir, nem illuminar. O teu odio já estaria extinto... de certo acabaria n'este momento, em que me acho preso a ti por tão entranhado reconhecimento... Mas tu não podes odiar, nem tampouco ser amigo.

— Obedeço a principios mais elevados.

— Aqui tens, recebe outra vez as tuas armas, Yermac, disse Yegor. Ainda que affirmes o contrario, já não temo nada de ti. Quero que te restituam a tua espingarda!—Devo-te tudo isto, accrescentou elle dirigindo um olhar de compaixão para Dimitri, que parecia ir fechar os olhos para sempre.

(Continua)

CORRESPONDENCIA

Alberto Tristão. — Permitta-nos que não incomodemos Eurico por tão pouco. Achou estranho o nosso correspondente que o boticario de Carteira abanasse as orelhas melancolicamente, e pergunta-nos de que museulos se servia o homem para esse movimento insolito.

Deus do céu a cada instante Alberto Tristão emprega provavelmente a seguinte phrase no dialogo familiar: «F. pedio isto ou aquillo a F., mas este abanou-lhe as orelhas.» E provavelmente o seu interlocutor não o interrompe para lhe perguntar de que museulos se serve F. para abanar as orelhas em presença do pedido que lhe fazem.

Se precisa porem de autoridades para justificação da phrase, podemos citar-l'as aos milhares. Occorrem desde já uma phrase de Rebello da Silva perfeitamente semelhante á de Eurico. Logo n'um dos primeiros capitulos do *Odio velho não cança* diz o grande romancista «que os burguezes de Coimbra abanavam melancolicamente as suas orelhas municipaes».

Podemos citar-lhe o capitulo e a pagina, se duvidar da veracidade da citação. N'este momento citamos de cór. E acredite que, logo que nos dêmos ao trabalho de procurar, encontraremos em dezenas de authores de boa nota exemplos da phrase que o impressionou.

E, sendo o sr. Alberto Tristão por tal forma purista, é possível que julgue tambem viciosa a expressão: «Torceu o nariz.» Não é facil effectivamente encontrar um musculo que dê ao nariz a desejada torcedura.

Dizem os anatomistas que existe nas orelhas humanas atrophiado e inutil o musculo, que, nos animaes de ordem inferior, dá ás orelhas tão elegantes movimentos. Se o musculo lá está, deixe o boticario aproveitá-lo. Será asno no movimento das orelhas, ha tantos outros que o são na organização dos raciocínios!

Gandarez. — Eurico ficaria de certo lisongeadissimo com a leitura da carta, se podessemos communicar-lh'a. Dá Gandarez por bem empregados os vinte e

viou. Já saíram, como vio. Agradecemos tudo, incluindo a delicadeza de ter tirado a mascara para sabermos com quem lidamos.

Fernando de Marvilla—Queira desculpar-nos. Teriamos o mais vivo desejo de publicar o retrato da sua amada, que se parece com a violeta do valle, e reconheceremos até de bom grado que não é tão fraca a sua inspiração como a sua modestia lhe suggere, mas os versos estão errados, e hoje é-se de um tal rigorismo n'essas questões de metrificacão que não ha remedio senão tratar d'ellas cuidadosamente. Ora o sr. Fernando de Marvilla, depois de adoptar para as suas quadras o hendecasyllabo, ou o decasyllabo, segundo a contagem mais racional de Castilho, escreve este verso:

E que sósinha de todos esquecida

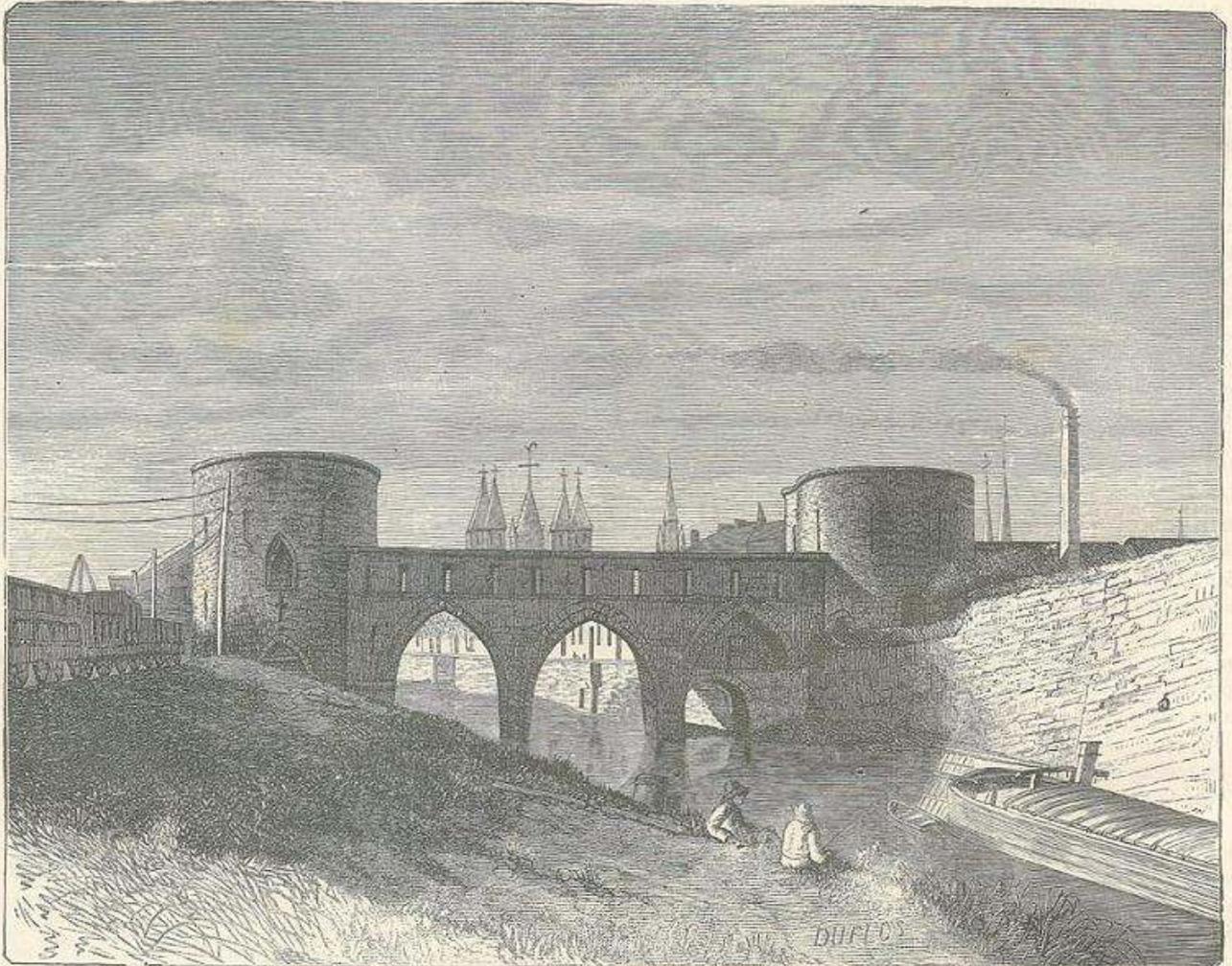
que tem doze syllabas, contando á antiga, e onze pelo methodo de Castilho; e ainda mais este:

Deus tudo governa com sabias leis
Dizem os ócos metaphysicos puros,
E os theologos: Deus temer deveis!
E não vêem elles o fero furacão
As tempestades frias, os gelos duros
Que ferem a natureza com negra mão.

Se os gelos duros tambem tem negra mão, então confessamos-lhe que não imaginamos quem é que terá mão branca n'este mundo. E o que aconselha o sr. Hail depois d'esta descripção horrifica?

Que dizer ante o quadro
Que abre as folhas feias?
Vozear em alto brado;
No Pai Eterno não creias.

Fossem os leitores do *Jornal do Domingo* berrar para o meio da rua: Não creias no Pai Eterno, e nós ve-



VISTA DA PONTE DOS BURACOS, EM TOURNAY.

cinco tostões da assignatura do *Jornal do Domingo* só pela pançada de riso que apanhou com a leitura da carta de Eurico! É a terceira que apanha na sua vida, acrescenta Gandarez, e folga que Eurico mandasse ao diabo paixões e espalhasse saudades de Hermengarda.

Effectivamente está alegre o presbytero, e procura consolar-se agora dos dez annos que passou amarrado ao próprio cadaver! Antes assim! Tristezas não param dividas, e as Hermengardas escasseiam.

Como verá, Gandarez enganou-se, suppondo que seria quasi impossivel encontrar a origem dos proverbios. A origem de «Falla francez como uma vacca hespanhola» parece ter-se encontrado com uns certos visos de probabilidade, Pelayo e Oppas dêram já explicações que até certo ponto nos parecem satisfatorias, não acha?

Agradecemos muito os novos enigmas que nos en-

E á tarde, quando o sol é posto

que tem nove syllabas á antiga, oito pelo methodo de Castilho, e que só chega a ter dez ou onze, á custa de dois tremendissimos hiatos, etc., etc.

Compara a sua amada com a gazella, como era moda entre os nossos poetas, que nunca viram gazellas na sua vida, mas chama á gazella temerosa, quando provavelmente lhe queria chamar tímida. Submettemos estas observações á sua illustrada critica, e pedimos-lhe licença para não inserir, por todas estas razões o retrato da sua amada nas estreitas columnas do *Jornal do Domingo*.

J. Hail M—Lemos com attenção a sua poesia, que tem apenas o defeito de ser escripta em prosa. Pois o que é senão prosa rimada a seguinte sextilha:

riamos o que o sr. Arrobas lhes fazia. E agora dignos tambem uma coisa: Que demonio vem a ser um quadro que abre as folhas feias?

Não, decididamente, sr. Hail, apesar do seu arrendimento final, não lhe publicamos a poesia. O que nos diria o sr. Fernando de Marvilla?

X (Curador dos Orphãos)—Tem carradas de razão. Podia suspeitar da probidade do juiz quem não soubesse como estas coisas succedem nas typographias.

Na repartição da herança, houve erro de imprensa. O filho, que devia receber 9:100.000 réis, recebeu só 8:100.000, mas, como somos pessoas de probidade, temos o conto de réis, de que o iamos defraudando, á disposição do homem.

Em todo o caso louvamos o seu zelo. Vê-se que é um digno curador.